

A Construção da Autonomia no Relacionamento Pedagógico: limites e possibilidades

Cláudio Ludgero Monteiro Pereira¹
Enizete Andrade Ferreira²

Resumo

Este texto constitui a apresentação dos resultados de pesquisa apresentada originalmente como monografia de especialização. O presente trabalho compreende uma investigação, primando pela categoria das emoções de Henry Wallon, sem desconsiderar outros aspectos da vida cotidiana do professor e do aluno e, portanto, tendo que recorrer a outros autores para complementar a análise e compreensão do texto. A pesquisa foi realizada em uma escola pública, com a participação de 04 (quatro) professores de 1ª a 4ª série do ensino Fundamental e cujos verdadeiros nomes foram mantidos em sigilo; os nomes que aparecem no texto são fictícios para preservar os interlocutores de qualquer constrangimento.

Palavras-chave: autonomia, pedagogia, relacionamento, ótica waloniana.

Introdução

Fazer um estudo sobre o relacionamento entre professor e aluno para verificar quais os elementos que interferem no desenvolvimento crítico e criativo do aluno não foi tão simples como de início imaginamos; a relação professor-aluno tem sofrido várias mudanças ao longo dos anos e se verifica uma grande oscilação desse relacionamento, principalmente entre o tradicional, do tipo vertical e o progressista, do tipo horizontal muito comum nas escolas. Daí a dificuldade em se fazer uma análise. No entanto, nos dedicamos ao máximo no trabalho de observação a fim de garantir aos depoimentos reveladores na entrevista, material necessário para análise das possíveis respostas aos nossos questionamentos.

O tipo de relação existente entre professor e aluno em sala de aula tem estado vinculado às mudanças no setor educacional e como

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

¹Pós-Graduado em Psicologia, Metodologia do Ensino Superior e em Planejamento Educacional. Mestre em Educação. Professor da UEPA e Coordenador do Curso de Psicologia Educacional com ênfase em Psicopedagogia Preventiva.

²Discente Egressa do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Educacional com ênfase em Psicopedagogia Preventiva.

conseqüência disso no processo ensino-aprendizagem, principalmente quando se fala em qualidade na educação que prima pelo desenvolvimento cognitivo, afetivo e sócio-cultural do educando e à interpretação crítica da realidade vivenciada por eles. No entanto, o vínculo às mudanças resume-se, muitas vezes, à redação oficial das leis sobre educação, pois como já mencionamos anteriormente, existe uma oscilação muito grande no relacionamento entre os principais atores do processo ensino-aprendizagem e isso implica o tipo de formação que se dá aos alunos que também é influenciada pela formação do professor. Nesse sentido, procuramos fazer um movimento de aproximação empírica e de distanciamento epistemológico em relação aos sujeitos da pesquisa com o intuito de melhor avaliarmos suas atitudes tanto em sala de aula quanto diante de nós no momento das entrevistas.

Relacionamentos existentes no contexto de sala de aula do Ensino Fundamental

Ao realizarmos a entrevista com as professoras e alunos(as) do Ensino Fundamental tínhamos como pano de fundo o relacionamento entre professor e aluno e os elementos que medeiam esse processo. Das professoras entrevistadas, algumas possuem extensa experiência pedagógica; outras estão iniciando na profissão, e ambas deixaram explícito que possuem um bom relacionamento com seus alunos(as): relacionamento amigável, afetivo, muitas vezes, qualificado do tipo mãe-e-filho como mencionou uma das entrevistadas.

Quando se fala em relacionamento qualificado do tipo mãe e filho, fica claro que o comportamento advindo desse tipo de relacionamento condiz com a atitude valorativa de uma pedagogia voltada à primazia do relacionamento professor-aluno e a preparação para a intervenção humana e autônoma sobre o mundo que o cerca. Nesse sentido, o relacionamento mãe-e-filho está ligado a uma confusão por parte dos alunos (as) e professoras (as) do sentido e do significado concreto das categorias autoridade, liberdade, trabalhados em sala

de aula. É um equívoco que pode ser comparado a idéia da figura de um parente posto em sala de aula em vez do professor(a). A esse respeito Freire (1994: 10-11) comenta:

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. (...) Recusar a identificação da figura da professora com a da tia não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da tia, da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valorização à tia. Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental à professora: a sua responsabilidade profissional de que faz parte a existência política por sua formação permanente.

Visto do modo que Freire apresenta o relacionamento entre professor(a) e aluno(a), tal situação pode distanciar o profissionalismo do professor confundindo-se com o cotidiano entre parentes próximos, não tão comprometidos com a formação de seus entes familiares (no caso os alunos). Isso sempre acontece porque não são bem definidos os critérios, os direitos e os deveres entre professor(a) e aluno(a) do sentido de delimitar um relacionamento ético e humano no trabalho educativo inerente ao processo ensino-aprendizagem, ou seja, esses atores têm que assumir competência científica, humana e ética com a produção de conhecimentos e com a sociedade onde estão inseridos. O diálogo crítico será o substrato dessa relação, haja vista que ambos estarão se percebendo numa relação horizontal como sujeitos do processo educativo-crítico. Os alunos não podem ser vistos como sujeitos desprovidos de conhecimento, mas sim como (re)criadores de conhecimentos empíricos e científicos, já que atualmente, a educação visa a formação nos aspectos cognitivo, afetivo e sócio-cultural, primando pela autonomia crítica do ser humano. Este tipo de formação exigida pela sociedade atual, isto é, de um sujeito capaz de tomar decisões, de criar e recriar, de saber lidar com situações problemáticas com perspicácia e domínio de situação, está em grande parte direcionada aos educadores.

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

A distorção com relação à função exercida pelo(a)

professor(a) em sala de aula pode ser percebida na fala de uma das entrevistadas quando questionada sobre o tipo de relacionamento com seus alunos. Confira:

Tanto em sala de aula como fora, esse relacionamento é um relacionamento entre mãe e filho; é um relacionamento ótimo, afetivo e é reconhecido pelos alunos. A gente percebe que muitas crianças vêm do lar e nunca receberam carinho, afeto e às vezes trazem muitos problemas. Nós, enquanto professores, temos que agir como pai, mãe, psicólogo... nós somos de tudo um pouco em sala de aula. Meu relacionamento é este: aberto e amigável (Prof. Anita).

As atitudes da professora mostram seu estado emocional abalado em função dos problemas que seus alunos enfrentam levando-a a assumir diferentes papéis dependendo de cada situação em sala de aula. Isso quer dizer que as emoções do professor estão agindo sobre o mundo exterior objetivo, ou seja, “é na ação sobre o meio humano, e não sobre o meio físico, que deve ser buscado o significado das emoções” (Wallon apud Galvão, 2001: 59).

É importante salientar que apesar da professora Anita, ter falado de um relacionamento do tipo mãe e filho, suas atitudes em sala de aula deixaram bastante claro o seu profissionalismo diante dos alunos nos momentos que lhe exigiam perspicácia e capacidade de conduzir uma turma numerosa. Deixou visível, portanto, seu compromisso ético e responsável pelo aprendizado e desenvolvimento de seus(suas) alunos(as). Por isso, apesar de se criticar o tipo de atitude acima mencionado como inadequado ao processo ensino-aprendizagem, é preciso saber a quem se critica; se existe um limite implícito pela autoridade do professor em sala de aula, sua atitude pode com certeza beneficiar a turma, gerando confiança e auto-estima adquiridos pelo tipo de relacionamento

entre ambos, professor e aluno. Nesse sentido, Weil (2001:70) comenta: “Os alunos são extremamente sensíveis ao estado emocional de seu professor. Deste depende criar um ambiente de confiança, de cordialidade e de compreensão das dificuldades e aprendizagem de cada um, ambiente este que favorece o rendimento do ensino além de consolidar a personalidade dos próprios alunos”.

Nota-se com isso a necessidade de se firmar um relacionamento de cordialidade, até “amigável” como disse uma das entrevistadas, para que ambos, professor(a) e aluno(a), consigam perceber-se enquanto sujeitos numa relação de troca de conhecimentos. Apesar de muitos discursos terem sido memoráveis no momento das entrevistas, notou-se em alguns casos que certas respostas dadas por algumas professoras foram em decorrência das cobranças atuais no âmbito de uma educação respaldada pela Psicologia voltada ao pleno desenvolvimento dos alunos.

Por esse motivo nos permitimos fazer o seguinte comentário: as palavras expressam as informações que desejamos transmitir a alguém, mas nossos gestos condenam nossa verdadeira intenção. Vê-se aí uma contradição entre o discurso progressista e a prática tradicional. Esse foi o motivo pelo qual conseguimos perceber que nem todas as professoras agiam tal qual seu discurso nos momentos da entrevista.

É importante lembrar que nossas emoções são percebidas através de nossas expressões e um mínimo gesto pode representar uma verdadeira revolução na vida de alguém. Ou seja,

A ótica maloniana constrói uma criança corpórea concreta, cuja eficiência postural, tonicidade muscular, qualidade expressiva e plástica dos gestos informam sobre os seus estados íntimos. O olhar se dirige demoradamente para a sua exterioridade postural, aproveitando todos os indícios. Supõe-se que a sua instabilidade postural se reflete nas suas disposições mentais, que a sua tonicidade muscular dá importantes informações sobre seus estados efetivos (Dantas apud Galvão, 2000: 98).

Por isso, saber que atitude tomar diante do outro é um verdadeiro desafio, principalmente quando se é educador(a), cujo compromisso no educar se faz necessário e constante em nosso dia-a-dia. Assim, muitos(as) professores(as) providos(a) de sensibilidade conseguem perceber a necessidade de seus alunos mantendo com eles um relacionamento amigável em defesa de seu desenvolvimento não apenas intelectual, mas também afetivo, social, cultural, etc. Manter esse tipo de relacionamento com os alunos requer do(a) professora(a)

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

ética e profissionalismo porque a “prática educativa tem de ser, e, sim, um testemunho rigoroso de decência e de pureza (...). Mulheres, homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos” (Freire, 1996, 36).

Providos de ética profissional o educador(a) consegue posicionar-se diante dos alunos(as) com competência e autoridade em suas atitudes. Por isso é preciso assumir-se educador(a) e ter consciência que suas atitudes e comportamentos estão influenciando os alunos em sala de aula e até mesmo fora dela; por isso mesmo não pode confundir, o tipo de relacionamento amigável entre professor(a) e aluno(a), com o relacionamento amigável entre aluno e aluno, visto que entre esses dois tipos de relacionamentos existe uma diferença na medida em que o professor-educador consciente de seu papel na formação do educando, age com ética e responsabilidade no seu local de trabalho não dando margem para deturpações sobre qual o seu papel em sala de aula, e que, o relacionamento aluno-aluno está vinculado às situações tanto dentro quanto fora de sala de aula independente do tipo de postura que adotem. Feita esta distinção e deixando claro aos alunos que um relacionamento amigável é possível quando baseado no respeito e no diálogo, o educador tem grandes aliados no processo educativo. Como mencionou a maioria das entrevistadas “uma amizade com vistas a grandes conquistas de novos conhecimentos e de crescimento pessoal”.

Nota-se que o educador ao demonstrar interesse no desenvolvimento do aluno independente das cobranças educacionais, consegue perceber que o aluno desenvolve-se sendo influenciado de várias maneiras, por isso não pode considerá-lo um sujeito isolado da realidade social; no exercício de sua função, o educador(a), deverá mostrar a realidade que o mundo apresenta de forma crítica para que os alunos consigam lidar com situações concretas de um mundo cheio de imperfeições.

O envolvimento entre educador(a) e educando é conseqüência da repugnância às injustiças as quais fomos e somos submetidos diariamente e que, por muito tempo deixamo-nos ser conduzidos como máquinas, que agem automaticamente de acordo com a vontade de quem a comanda. Vale lembrar que somos impulsionados pelas nossas emoções, por isso é bom considerar que:

...A emoção também pode interromper o curso do automatismo; para tanto, basta que uma circunstância qualquer sobrevenha e a reanime, que ele se depare com um obstáculo momentaneamente intransponível ou ainda em conseqüência do crescimento contínuo e de certa forma espontâneo da excitação. Nesse caso, a emoção pode continuar senhora do terreno e desenvolver seus efeitos viscerais e tônicos sob sua forma mais violenta e mais exclusiva, ou então, tornar-se possível a intervenção de imagens e motivos: repugnância pelo assassinato, vergonha pela fuga, que provocam uma reviravolta completa dos gestos e da conduta (Wallon, 1995: 85).

É notável o efeito que nossas emoções têm sobre nossas ações, daí a necessidade de saber lidar com as diversas situações às quais somos submetidos diariamente, tendo em vista o controle da situação, principalmente porque “na vida cotidiana é possível constatar que a elevação da temperatura emocional tende a baixar o desempenho intelectual e impedir a reflexão objetiva” (Galvão, 2001: 66).

Com vistas a um relacionamento amigável baseado no diálogo e respeito, é que se deve manter o controle da situação em sala de aula de modo a não deixar envolver-se pelo estado emocional ao qual se encontram muitos alunos, ou seja, agitados e eufóricos por qualquer motivo. Segundo informações obtidas de uma das entrevistadas esse tipo de atitude do professor(a) em relação a sua turma, eleva a auto-estima dos alunos, tranquiliza-os e lhes dá segurança em relação ao professor orientador. Por isso, é válido saber quais seus reais objetivos para com a turma, para que o trabalho não se torne cansativo e enfadonho para ambas as partes e possa, dessa forma, fortalecer o relacionamento amigável entre eles.

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

É claro que muitos relacionamentos “amigáveis” são meras cortinas que encobrem os bastidores do “palco” da sala de aula. Isso foi percebido entre os corredores da escola nos dias de observação e pelas conversas informais entre alguns alunos, de uma das turmas, cuja professora tinha sido entrevistada. Em suas falas, transpareciam o desrespeito e a animosidade devido às atitudes de sua professora, segundo esses alunos sua professora apesar de se mostrar solícita e atenciosa não lhes prendia a atenção. Por esse motivo, pode-se dizer que é necessário possuir autoridade, munida de profissionalismo (Freire, 1996), pois sua atitude diante do outro deve se apresentar respaldada de conhecimentos, métodos e técnicas que venham a conduzir seu trabalho em sala de aula. O professor(a) precisa mostrar-se não apenas solícito(a) e compreensivo(a), mas também estabelecer limites para que seus alunos compreendam que estão lidando com um(a) profissional competente e responsável. Estabelecendo-se tais regras e/ou limites, pode-se dizer que se inicia um relacionamento de respeito mútuo que pode chegar a amigável. Neste sentido, pode-se concluir que a complexidade do relacionamento entre os humanos tem início em suas diferenças, fator de grande importância para a vida humana, visto que são dos conflitos entre os diferentes que surgem novas idéias e é nesse sentido que se deve estar sempre valorizando todo o tipo de conhecimento, não apenas aquele ao qual estamos habituados ou que a ciência impõe como única verdade.

Formas de mediação didático-pedagógica do professor favorecedoras ao desenvolvimento pleno da autonomia do aluno

O professor como já foi dito anteriormente possui papel importante na vida do educando, e atualmente essa importância ganhou força devido à ausência paterna e/ou materna em suas vidas; preocupados com a situação econômica os pais ficam mais tempo fora e deixam seus filhos com outras pessoas, não tão importantes em suas vidas, do ponto de vista afetivo. A escola ao receber essas crianças não pode simples

mente transmitir conhecimentos caso não se tenha completado a socialização primária, embutida em valores e afetos, importantes para a vida das crianças.

A maioria dos professores demonstrou capacidade e autonomia diante dos desafios que o cotidiano de sala de aula apresenta, procurando conduzir a turma sempre objetivando seu sucesso. Alguns professores viram nos desafios um estímulo para alcançar seus objetivos, tanto é que a professora Carla, não se perturbou com a reação negativa dos alunos ao tentar modificar o método de ensino ao qual estavam habituados, verifique:

Eu observei que foi uma grande mudança, pois eles nunca tinham feito um glossário e muito menos utilizado um dicionário, e isso, foi uma novidade. Iniciei minhas atividades com a maratona da leitura e muitos questionavam, pois diziam que a outra professora não fazia isso. A relutância de início foi se extinguindo à medida que se realizavam as atividades ao longo dos meses, e no final todos já estavam adorando o trabalho com a leitura (Prof. Carla).

Dessa forma, fica claro que a professora foi uma mediadora competente e responsável entre aluno (a) e conhecimento. Conseguiu levá-los a perceber o prazer pela leitura e a despertar-lhes a curiosidade pelo conhecimento e a criatividade adormecida em cada ser humano, ou seja:

nas interações marcadas pela elevação de temperatura emocional, cabe ao professor tomar a iniciativa de encontrar meios para reduzi-la, invertendo a direção de forças que usualmente se configura: ao invés de se deixar contagiar pelo descontrole emocional das crianças, deve procurar contagiá-las com sua racionalidade (Galvão, 2001: 105).

A atitude da professora diante da turma nos deixa transparecer sua segurança enquanto profissional, pois conseguiu dominar uma turma numerosa com faixa etária bastante diversificada e situação econômica precária. Em virtude disso, constatou-se o seu lado emocional e afetivo bastante equilibrado, o que, de certo, lhe proporcionou a segurança apresentada. Já os alunos, de início abalados emocionalmente, viveram momentos de crise, superada com a colaboração de um educador capacitado para lidar com situações

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

Por isso é imprescindível que o educador possua autonomia, no sentido de conduzir sua turma, tendo como referencial, não apenas o currículo escolar, mas também a realidade na qual o aluno está inserido, segundo o comentário da Professora Anita. Esta, percebendo a falta de conhecimento de seus alunos sobre sua cidade, transformou sua aula em um passeio turístico desenvolvendo-lhes a curiosidade epistemológica, ou seja,

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, com pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.(...) A promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípua da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indôcil (Freire, 1996: 35-36).

Portanto, o professor enquanto mediador do processo ensino-aprendizagem deve criar condições para que os alunos se tornem pessoas que pensem e atuem por si mesmas e principalmente que se vejam enquanto pessoas livres, capazes de pensar e examinar criticamente as idéias que lhes apresentam e a realidade social a qual estão inseridos. Assim, o(a) professor(a) enquanto mediador(a) do processo educativo-crítico pode de certo desenvolver em seus alunos não apenas o cognitivo, mas também o aspecto social, político, cultural e afetivo que subjazem num cidadão com autonomia crítica e responsável sobre suas ações e sobre o meio ao qual está inserido.

Atitudes dos alunos mediadas pela ação didático-pedagógica do professor

Como já foi mencionado anteriormente, a atitude dos alunos sofre grande influência da postura adotada pelo(a) professor(a) em sala de aula. Esta influência pode representar aspectos positivos ou negativos na formação do educando, dependendo do tipo de relacionamento entre educador(a) e educando(a) na sala de aula.

No momento da entrevista as professoras fo-

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

ram questionadas sobre sua influência em relação aos alunos; parte dos entrevistados ficou de início sem saber o que responder e após alguns minutos relataram atitudes comuns em qualquer sala de aula. Por isso, podemos constatar que parte das professoras não atentava para o desenvolvimento de seus alunos e muito menos faziam questão de ver em suas turmas o reflexo de sua postura didático-pedagógica em sala de aula. Parte das professoras não conseguia associar as reações posturais dos alunos com emoção, desconhecendo a relação entre movimento e emoção. O movimento foi interpretado como desatenção, que por sua vez, prejudica a aprendizagem. Há uma insistência por parte desses professores pela contenção dos movimentos. Isto que dizer que sua preocupação maior está voltada ao aspecto cognitivo e, principalmente, às reações posturais, consideradas como responsáveis pela falta de aprendizagem. Portanto,

É equivocada a idéia, subjacente às exigências posturais da escola, que a atenção é possível na posição sentada e imóvel. Basta observarmos a atividade espontânea da criança que a vemos realizando ações atentamente sem que precise estar na postura exigida pela escola. Observando-a perceberemos também que pode estar sentada parada e olhando fixamente para um ponto como exige a escola, sem que esteja prestando a mínima atenção na atividade proposta (Galvão, 2001: 110).

Não se pode adotar uma postura padrão em sala de aula visto que as atividades propostas pelo educador é que definirão que atitudes corporais serão mais adequadas. Também, não se deve confundir agitação, conseqüência da emotividade, com indisciplina em sala de aula que geralmente conduz à violência. Por isso, avaliar-se diariamente através da reação dos alunos em relação a metodologia que se está adotando é uma forma de superar a si mesmo em favor de uma educação de qualidade.

Outras professoras, ao contrário, responderam logo de imediato quais suas impressões em relação às atitudes dos alunos, tendo como norteador sua postura didático-pedagógica. Essas professoras deixaram transparecer o compromisso no educar, voltado ao desenvolvimento dos alunos não apenas no aspecto cognitivo mas também sócio-cultural e afetivo, já que se tratava

de um ser humano e cuja vida não se restringe ao lado intelectual. Além disso, o professor fez questão de relatar um fato que lhe deixa muito orgulhoso enquanto profissional, confira:

Quando eu coloco os pés em sala de aula todos se aproximam de mim. Falam ao mesmo tempo, querem saber como estou, como vai ser nossa aula, elogiam-me... Tudo isso pra mim é um estímulo diário, uma recompensa pela minha dedicação. A turma é exigente e assim eu prefiro, pois se exige é porque está atenta às atividades de sala de aula. Por isso não meço esforços em me superar a cada dia (Prof. Carla).

Segundo a Prof^a Carla, sua turma é ativa e dinâmica e se expressa livremente em sala de aula. Isso nos leva a crer que a atitude do professor colabora com a turma, favorecendo seu desenvolvimento psico-social e afetivo concomitante ao cognitivo, pois enquanto educador responsável e competente, sua preocupação não se restringe ao aspecto cognitivo ou afetivo, mas com a pessoa em conjunto, ou seja, aquela que mostra como se relaciona com o meio a cada momento de seu processo de desenvolvimento.

Pode-se dizer, baseado nas informações, que a criança desenvolve sua autonomia crítica, subsidiada por um educador competente, ético e responsável com o fazer pedagógico. Suas atitudes e suas falas revelam preocupação com o outro, não apenas como ser isolado, mas como uma pessoa concreta (Galvão, 2001) que se relaciona com o mundo e complementa seu conhecimento a cada dia dando um novo sentido a sua vida.

Notamos também que a professora Bárbara ao falar dos alunos quanto à sua agitação referia-se sempre com ar irônico às suas atitudes, principalmente quando dizia: suas perguntas não tinham relação com o conteúdo ensinado, e as faziam apenas para provocar-me, além de sorrirem por qualquer motivo. Essa atitude da professora demonstra a sua falta de habilidade em lidar com situações em que o aspecto afetivo-emocional está presente. Outrossim, sua visão parece limitar-se ao que se apresenta em sala de aula. Compreende-se com isso que desconhece situações de aprendizagem em que é relevante o lado emocional para o desenvolvimento do aluno, e que, por

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

possuir conhecimento "limitado" e acrítico não consegue ultrapassar os limites da sala de aula para analisar o comportamento dos seus alunos. Faz-se necessário que o professor tenha consciência de suas limitações físicas enquanto ser humano, e também que, a busca de novos conhecimentos deve superar nossos limites intelectuais. Dessa mesma forma, o aluno é um sujeito ativo e dinâmico, capaz de ultrapassar barreiras e também seus limites, tornando-se uma pessoa capaz de discutir, concordar e discordar daquilo que lhe é apresentado como correto e/ou verdadeiro. Ações desse tipo demonstrarão autonomia crítica subsidiada pela criatividade, que na maioria das vezes, pode ser despertada em sala de aula, pelo educador.

Considerações Finais

Nosso objetivo com esse trabalho não é traçar uma proposta de formação de professores. No entanto, seus resultados permitem levantar implicações educacionais e aspectos que poderão ser avaliados como relevantes à formação do professor, já que é pela articulação entre a teoria e a realidade que a pesquisa permite delinear um caminho mais eficaz para o ensino.

Consideramos que o relacionamento entre professor-aluno deve fundamentar-se em três princípios: diálogo, respeito e afetividade tendo como pressupostos a teoria *walloniana*. Com base nesses princípios iniciamos nosso trabalho a fim de averiguar como se dá o processo de construção da autonomia do educando no relacionamento pedagógico, sabendo-se que existem limitações no processo, mas também existem possibilidades.

Nossa pretensão é defender a eficácia das relações afetivas na sala de aula, considerando o estudo da afetividade como suporte necessário a atuação do professor. Defendemos ainda o diálogo e o respeito como imprescindíveis para se formar uma personalidade com equilíbrio. Como sabemos as imposições destroem a criatividade infantil, tornando-as incapazes de agir com espontaneidade. É notável, através dos resultados da pesquisa, que se existe respeito, conseqüentemente existe diálogo na relação. Isso fundamenta e alicerça um

relacionamento com vistas à (re) construção de conhecimentos e saberes de cada pessoa.

Por isso é preciso compreender que as pessoas possuem identidades próprias e não devem ser tratadas igualmente, principalmente em sala de aula, onde os aspectos sócio-cultural e econômico são bastante evidentes.

Pudemos constatar que uma vasta experiência em sala de aula não significa conhecimento do como agir diante de uma turma nova pois, as turmas não possuem a mesma identidade e, por isso mesmo, não devem ser tratadas da mesma maneira. Assim, acreditamos que a formação continuada do professor é fundamental, para complementar seus conhecimentos e adequá-los à sua realidade.

Acrescente-se a isso que a observação na E.M.E.F. Santo Expedito foi fundamental para que pudéssemos constatar como se dá o relacionamento professor-aluno sem perder de vista os aspectos sociais, político, econômico e cultural em que a escola está inserida.

Portanto, pode-se dizer que fazer um estudo desta natureza significa estudar os agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem enquanto sujeitos históricos, sociais e culturais que estão num contínuo processo de conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'água, 1994.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WEIL, Pierre. **A Criança, o lar e a escola.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação
Belem, Nº 5, 2004